

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA – DSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS**

**ENTRE O BAGAÇO DA CANA E A DOÇURA DO MEL:
MIGRAÇÕES E AS IDENTIDADES DA JUVENTUDE RURAL**

Marcelo Saturnino da Silva

Campina Grande – PB

Agosto/2006

**ENTRE O BAGAÇO DA CANA E A DOÇURA DO MEL:
MIGRAÇÕES E AS IDENTIDADES DA JUVENTUDE RURAL**

Marcelo Saturnino da Silva



Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marilda Aparecida de Menezes.

Campina Grande – PB
Agosto/2006

DIGITALIZAÇÃO:
SISTEMOTECA - UFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586e Silva, Marcelo Saturnino da
Entre o bagaço da cana e a doçura do mel: migrações e as identidades da juventude rural / Marcelo Saturnino da Silva. — Campina Grande, 2006.
178 f. : il. color.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.
Referências.
Orientadora: Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes.
1. Juventude Rural 2. Migração 3. Trabalho I. Título.
CDU 316.334.55(043)

**ENTRE O BAGAÇO DA CANA E A DOÇURA DO MEL:
MIGRAÇÕES E AS IDENTIDADES DA JUVENTUDE RURAL**

Marcelo Saturnino da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marilda Aparecida de Menezes.

BANCA

Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes (orientadora)
PPGS/UFCG

Profa. Dra. Mércia Batista Rejane Rangel Batsita
PPGS/UFCG

Profa. Dra. Maria de Nazareth Baudel Wanderley
PPGS/UFPE

Campina Grande – PB
Agosto/2006

**Aos jovens, cortadores de cana, do
Município de Tavares, sem o qual este
trabalho não teria sido possível.**

AGRADECIMENTOS

*Aos que, mesmo ausentes, souberam se fazer presente;
Aos que comigo sonharam e acreditaram que era possível chegar;
Aos que acompanharam meus passos.*

De modo especial:

*À Prof.^a Dr.^a Marilda Aparecida de Menezes,
Que compartilhou saberes,
Respeitou limites,
Incentivou a olhar mais longe,
e, a voar, mais alto;*

*À Prof.^a Maria de Nazareth Baudel Wanderley,
Pela boniteza de sua docência;
Aos demais professores do Programa.*

À minha equipe de pesquisa:

*Antônia, Aldo, Jaqueline e Joelma,
Com quem compartilhei os caminhos do roçado,
Entre risos e canções;
Ao Sebastião Maurício,
Amigo das horas certas e incertas,
Companheiro incansável,
Fotógrafo e palhaço.*

*Aos meus familiares,
De modo muito carinhoso,
À minha querida mãe,
Cuidado e ternura, semeados em meu caminho!
Você que vela meus sonos e acalenta meus sonhos...*

*Aos amigos e amigas: Dita Almeida, José Filho, Gorete, Osman, Ronilson e João Paulo.
Aos moradores e moradoras do sítio Domingos Ferreira: Luciene, Leonardo e, de modo especial, aos familiares de Seu Cicero e Dona Socorro.*

*Enfim,
A você, My Children,
Pela espera sofrida,
E aniversário passado distante,
Quando estava muito cansado,
Era o seu colo que eu buscava....*

AGRADECIMENTOS

*Aos que, mesmo ausentes, souberam se fazer presente;
Aos que comigo sonharam e acreditaram que era possível chegar;
Aos que acompanharam meus passos.*

De modo especial:

*À Prof^a. Dr.^a Marilda Aparecida de Menezes,
Que compartilhou saberes,
Respeitou limites,
Incentivou a olhar mais longe,
e, a voar, mais alto;*

*À Prof^a Maria de Nazareth Baudel Wanderley,
Pela boniteza de sua docência;
Aos demais professores do Programa.*

À minha equipe de pesquisa:

*Antônia, Aldo, Jaqueline e Joelma,
Com quem compartilhei os caminhos do roçado,
Entre risos e canções;
Ao Sebastião Maurício,
Amigo das horas certas e incertas,
Companheiro incansável,
Fotógrafo e palhaço.*

Aos meus familiares,

De modo muito carinhoso,

À minha querida mãe,

Cuidado e ternura, semeados em meu caminho!

Você que vela meus sonhos e acalenta meus sonhos...

Aos amigos e amigas: Dita Almeida, José Filho, Gorete, Osman, Ronilson e João Paulo.

Aos moradores e moradoras do sítio Domingos Ferreira: Luciene, Leonardo e, de modo especial, aos familiares de Seu Cicero e Dona Socorro.

Enfim,

A você, My Children,

Pela espera sofrida,

E aniversário passado distante,

Quando estava muito cansado,

Era o seu colo que eu buscava....

RESUMO

Neste trabalho, abordo as migrações dos jovens rurais do município de Tavares, no Estado da Paraíba, para os canaviais da região de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, a partir da consideração de três aspectos principais: primeiro, a busca de projetos de autonomia na construção das identidades de jovens e de gênero; segundo, o acesso à renda monetária como possibilidade de acesso a bens de consumo; e terceiro, a invenção e resignificação de espaços de sociabilidades e lazer no município dos jovens migrantes, conhecidos como canistas. Utilizo os conceitos de *Habitus* de Pierre Bourdieu e de *Experiência* de Edward Thompson para compreender tanto as disposições sociais e culturais do grupo em questão bem como as subjetividades. Metodologicamente, utilizo algumas trajetórias para compreender como os jovens “canistas” interpretam a experiência dessas migrações na constituição de suas identidades e projetos de vida. Assim, ao abordar um dos muitos rostos da juventude rural, pretendo contribuir para a compreensão da formação de suas identidades e do seu lugar na pauta das atuais políticas públicas.

Palavras chaves: Juventude rural, Migração e Trabalho

ABSTRACT

In this work, I have analyzed the migration of the rural youth from the municipality of Tavares in the State of Paraíba to the sugar cane region in the Ribeirão Preto Region in the State of São Paulo. Three aspects are taken into consideration, first, the search for autonomy in the construction of youth and gender identities; second, the access to income as a possibility to gain consumption goods and third, the invention and new meanings of the sociability and leisure spaces in the municipality by migrant youth known as *canistas* (name attributed to those who work in the sugar cane agriculture) I will use the concepts of *Habitus* from Pierre Bourdieu and *Experience* from Edward Thompson to understand both the social and cultural generative principles of the group and its subjectivities. Methodologically, I rely on some trajectories to understand the youth workers known as *canistas* and to interpret the experience of the migration in the construction of identities and life projects. In this sense, I will look at one of the many faces of rural youth in order to understand the formation of their identities and position in the present public policies.

Keywords: Rural Youth, Migration and Work

SUMÁRIO

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Mapas

Figuras

Fotografias..... 10

Tabelas

Gráficos.....11

APRESENTAÇÃO.....13-38

1. Itinerários de uma busca..... 13

2. Juventude e migração: pontos e contrapontos.....18

3. Tessituras metodológicas.....30

CAPÍTULO I: Cotidiano e espaços dos jovens nos municípios rurais do sertão paraibano39-81

1. Breve apresentação do município..... 39

2. O lugar dos jovens nos municípios rurais..... 49

2.1. Do abandono da escola pelos jovens ao abandono dos jovens pela escola..... 52

2.2. Entre a reza e a festa..... 58

2.3. Sobre jogos e bares..... 64

2.4. Um olhar sobre o cotidiano..... 67

2.5. Sobre sair e ficar..... 74

CAPÍTULO II: Idas e voltas: Cotidiano e migração no município de

Tavares – PB83-108

1. Migração e conflitos familiares ou de quando o lugar se torna pequeno para dois..... 83

2. Da história do senhor Cícero ou sobre a fraqueza do temporal..... 85

3. João Batista e Salaciel ou sobre as mudanças no mercado de trabalho..... 91

4. Sobre a reconfiguração das migrações tavaresenses em diferentes tempos históricos..... 101

4.1. A reestruturação do setor sucroalcooleiro no interior paulista e seu impacto nas migrações do sertão paraibano..... 103

4.2. A evolução da mão-de-obra na empresa canavieira..... 107

CAPÍTULO III: Entre o bagaço da cana110-138

5. O tempo da saída..... 110

6. Da história de João Paulo ou sobre as idas e voltas dos jovens tavaresenses..... 115

7. Migração e construção do projeto pessoal de autonomia..... 120

8. Eles não têm nada na cabeça?..... 124

9. Da história de Alisson ou sobre o processo de socialização dos jovens migrantes..... 128

10. Da experiência de ser o “outro”..... 130

11. O cotidiano do eito..... 131

CAPÍTULO IV: ... E a doçura do mel!	140-159
1. O tempo do retorno.....	140
2. Agora, o que vale é curtir a vida!.....	147
3. A moto como símbolo de vitória.....	149
4. Reconstruindo o mundo: O churrasco!.....	152
CONCLUSÃO	161-166

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1. Localização e limites do município de Tavares.....	40
Mapa 2. Locais de aplicação dos questionários.....	50

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Configuração das migrações tavaresenses (Dec. 50/70 – 80/90).....	90
Figura 2. Rota dos jovens cortadores de cana do município de Tavares – PB	113
Figura 3. Mapa de um churrasco.....	158

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Foto 1. Festa no sítio Domingos Ferreira – Dez. 05	148
Foto 2. Jovem canista e namorada chegando à festa (Domingos Ferreira).....	148
Foto 3. Jovens canistas durante um churrasco (Domingos Ferreira).....	152

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Diferenças e semelhanças entre a cidade de São Paulo e os canaviais.....	128
--	-----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Município de Tavares – PB – População total: Urbana e rural.....	42
Gráfico 2. Nº. de estabelecimentos agrícolas por área (ha.).....	43
Gráfico 3. Evolução da produção agrícola (Município de Tavares).....	44
Gráfico 4. Escolaridade dos pais dos jovens entrevistados (%).....	52
Gráfico 5. Escolaridade dos jovens entrevistados (%).....	52
Gráfico 6. Espaços de lazer da juventude tavaresense.....	66
Gráfico 7. Evolução da população tavaresense (1970-2000).....	88
Gráfico 8. Estimativas de saldo líquido migratório da região Nordeste (1950/95).....	99
Gráfico 9. Número de casamentos realizados pela Paróquia de São Miguel (Tavares – PB) no ano de 2004 (Por mês e local de origem).....	142

APRESENTAÇÃO

1. Itinerários de uma busca.....	13
2. Juventude rural e migração: pontos e contrapontos.....	18
3. Tessituras metodológicas.....	30

1. Itinerários de uma busca

*Escrevo, para esquecer de mim, Escrevo, para
saber quem sou...*

Darcy Ribeiro

Em março de 2004, eu fora aprovado no mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e fazia planos de estudar as formas de organização dos jovens rurais no município de Tavares – PB, com destaque para os grupos de jovens. Ao chegar à época da coleta de dados, um ano depois, elegi o sítio Domingos Ferreira, no qual já tinha alguns contatos desde o tempo em que trabalhava como agente de pastoral na paróquia local, década de 1980. Em minhas primeiras visitas aos sítios e povoados daquele município, localizado no alto sertão paraibano (Ver Capítulo I), me deparei com uma realidade que iria provocar uma modificação em minhas intenções de pesquisa. Num primeiro momento, que coincidiu com as primeiras visitas, eu não encontrara nenhum grupo de jovens na comunidade. Segundo Maria, em cuja casa encontrei as primeiras acolhidas, naquele momento, os jovens do sítio tinham ido a um jogo no município pernambucano de Tabira. Ainda segundo Maria, tinham ido dois caminhões de gente, um com os rapazes e outro com as moças. Nesta primeira impressão, os sujeitos de minha pesquisa estavam ausentes. Se alguém visitasse o sítio naquele dia, ficaria com a imagem de um espaço rural isolado e desabitado: as casas, em sua maioria, estavam fechadas já que muitos pais tinham ido acompanhar os seus filhos, ou melhor, suas filhas, como fiquei sabendo depois. Repito: a minha impressão foi de um local sem vida.

Naquele dia, eu não tivera contato com meus prováveis informantes. Confesso que voltei para casa decepcionado. De volta para a sede do município, fui matutando a importância dos jovens para a dinamização do espaço rural. Para mim, era bastante significativo que, com a saída de grande parte dos jovens, o sítio perdesse muito de seu brilho. Pensei mais alto e, remoendo a alegria e a dinamicidade pela qual o referido sítio é conhecido pelos da “rua”¹, comecei a “namorar” a hipótese de que para a construção dessa

¹ Sítio e rua são duas denominações nativas. A primeira refere-se às áreas oficialmente rurais do município, podendo significar tanto uma localidade específica, na qual convivem vários grupos familiares, quanto, em sentido mais restrito, a porção de terra mais a casa de um grupo familiar específico (sítio de fulano); a segunda refere-se a sede do município.

identidade do sítio Domingos Ferreira haveria de concorrer o elemento jovem da comunidade.

Alguns dias depois, retornei ao mesmo sítio e, novamente, a mesma impressão. Era mês de março e, curioso, perguntei a Maria, que continuou abrindo suas portas para mim, se havia outro jogo em outra cidade. Fiquei sabendo, então, que não era dia de jogo e que a maioria dos jovens estava num churrasco. Confesso que, se já vinha surpreso, a resposta de Maria só serviu para aumentar minha surpresa, pois, até onde não me falhava a memória, churrasco não era uma prática recorrente na região.

Vizinhos são chamados para almoços, casamentos, batizados. Há festas de aniversários, mas churrasco não. Até mesmo quando há paulistas em visita a parentes locais, “churrasco” é palavra estranha na boca dos visitantes, pois os do local continuam a falar mesmo em “almoço”. “Hoje vai ter um almoço na casa de sicrano”, eles dizem. Assim, não escondendo minha *matutice*, perguntei espantado: Churrasco? Então Maria explicou-me que quando os “canistas”² estão de volta à comunidade, geralmente, todo domingo tem churrasco na casa de um deles. Disse-me, ao perceber que estava confuso, que canistas são os jovens e alguns adultos que, todos os anos, vão para São Paulo cortar cana-de-açúcar.

Daquela vez, eu resolvi ficar mais um pouco na comunidade e acabei sabendo que uma grande parte dos “canistas” já tinha retornado para os “cortes de cana”³ e que outros estavam se preparando para partir. Assim foi que constatei, mais uma vez, que chegara atrasado à comunidade. “Muitos já foram, têm só alguns por aqui, ainda”, disse-me Maria. Depois do almoço resolvi dar uma volta e, propositalmente, passar pela casa do churrasco. Por não ter sido convidado e estar acompanhado de um amigo, da cidade de Campina Grande – PB, achei que não ficaria bem entrarmos, pois de certa forma, éramos estranhos ao grupo.

Da estrada, pudemos ver o pessoal que farreava. A maioria deles estava no pátio da casa, reunidos em torno de uma churrasqueira, onde a carne estava sendo assada por um dos presentes, ao que tudo indicava alguém que tinha sido escolhido para aquela função, já que ficava a maior parte do tempo próximo à churrasqueira, virando a carne e passando

² Termo pelo qual são conhecidos os jovens tavaresenses que, anualmente, migram para os canaviais do interior do Estado de São Paulo.

³ Referência ao trabalho nas usinas de cana-de-açúcar, no interior paulista.

pedaços da mesma para os demais. Notamos, ainda, que a maioria estava embriagada. Conversavam muito alto, talvez porque tivessem que competir com o som de um carro ligado, provavelmente, no último volume. Percebemos, também, que a “Pitu” era uma espécie de “cachimbo da paz”: A garrafa, única, passava pelas mãos dos presentes. Ficamos sabendo que a maioria estava com a viagem marcada para o corte de cana-de-açúcar, no Estado de São Paulo, e deduzimos que, possivelmente, celebravam uma despedida, já que muitos iam para locais diferentes.

Não me impressionou, nestas primeiras visitas, o fato da maioria das casas estarem bem conservadas e equipadas de eletrodomésticos, como: geladeiras, televisores, aparelhos de som etc. Acomodava-me a hipótese de que com os programas do governo, como o Bolsa Família, Bolsa Escola, a situação dos pobres do campo estivesse melhorando consideravelmente e, sendo assim, o seu padrão de vida, já não ficava aquém dos que moravam na cidade. Confesso que essa história do corte de cana-de-açúcar começou a mexer comigo.

Como disse antes, no início do projeto eu pensava em estudar as organizações juvenis, com destaque para o grupo de jovem. Todavia, com a minha primeira visita ao sítio e depois de algumas conversas, fui percebendo a importância dos times de futebol como espaço de sociabilidade. Pensei, então, em estudar as formas de sociabilidade e de política dos jovens rurais tavaresenses. Ao me deparar com a realidade descrita acima, modifiquei novamente minha idéia original e pensei em trabalhar com as formas de inserção social, política e econômica dos jovens rurais tavaresenses, mostrando sua importância para a dinamização do espaço rural. Meu desejo era dar conta de “tudo”, especificamente, do meu projeto original, do qual foi muito difícil me desfazer. Assim pensava, estudando a inserção política, econômica e social dos jovens rurais, eu conseguiria abordar desde os times de futebol, as festas, como espaços de sociabilidade e, de tal modo, passar pela migração para o corte de cana-de-açúcar, como forma de inserção econômica, até finalizar com os grupos de jovens e as associações comunitárias, como forma de inserção política.

Observações feitas durante a qualificação do projeto e conversas com a orientadora ajudaram-me a perceber que eu não daria conta de um objeto tão extenso. Forçado a focalizar melhor, para bem dar conta do trabalho, comecei a “namorar” o material (entrevistas, enquete, observações) e fui percebendo a importância da migração para o

corte de cana como estratégia de concretização dos projetos de autonomia dos jovens rurais.

Nessa época, eu já havia entrevistado alguns jovens do município e, também, aplicado um questionário, principalmente com os que ficaram, visto que tais entrevistas e aplicação do questionário foram realizadas no período em que os canistas estavam no Estado de São Paulo. O resultado das entrevistas e do questionário deixou, extremamente, visível a importância deste tipo de migração. A maior parte dos entrevistados, sobretudo os que não tinham ainda completado dezoito anos, revelou o desejo de seguir os passos dos seus pais e/ou irmãos, indo também oferecer sua força de trabalho nos canaviais paulistas.

De repente, este objeto estranho, exótico – os migrantes - foi se revelando familiar. Fui me dando conta de que a maior parte dos meus irmãos também era migrantes, migrantes radicados no Estado de São Paulo. A cada dia que passava, a memória ia mais e mais recolhendo, trazendo a tona episódios de infância: Falas de minha mãe a relatar a migração de seu pai, nas décadas de quarenta e cinquenta do século passado. Imagens de minha mãe arrumando as malas de meus irmãos. Primeiro foi o José, que nem sequer conheci, pois não tinha nascido quando ele partiu, e quando voltou, a passeio, eu morava com uma irmã, em Recife. Ao retornar para uma cidade que nunca tinha sido sua, considerando-se um “estranho”, com poucos dias, ele morreu. Depois foi minha irmã Eva e mais tarde a Iraci e o Miguelito. Todos seguindo o rumo do Sudeste. Pensava em quantas malas minha mãe tinha arrumado, e quantos rios de lágrimas de seus olhos haviam corrido em todo esse tempo. Pensava mais: E se juntássemos todas as mães e todos os pais? Devaneio! Talvez se conseguíssemos juntar todas essas lágrimas e, com elas, irrigar essas terras, os filhos que virão já não precisariam mais partir.

Da minha família de seis homens e seis mulheres, ficaram mais próximo de casa, apenas quatro homens: Rafael, que chegou a morar em São Paulo, mas optou pelo Nordeste e ainda hoje paga o preço por sua opção; Aluisio, que abraçou a vida religiosa e migrou para o convento; Luiz Gonzaga⁴, o mais apegado ao roçado, que hoje tenta

⁴ Solteiro e com trinta e dois anos, Luiz Gonzaga tem lançado mão da migração sazonal para o corte de cana. Livre de responsabilidade com casa, uma vez que não é casado e mora, ainda, na casa da mãe, aproveitou os recursos conseguidos com quatro migrações consecutivas para o corte de cana e está ampliando o seu patrimônio, mediante a compra de terra, gado e, também, através de algumas benfeitorias que tem realizado em seus terrenos. Este ano de 2005 ele optou por não sair para o corte de cana, e suas economias permitiram dar continuidade a seu projeto de autonomia. Com os recursos adquiridos construiu uma casa, no sítio, onde pretende morar e atualmente, ajudado pelo irmão que reside em São Paulo, tem feito alguns investimentos na área: poços, plantações etc.

reproduzir o modo de vida do nosso pai, pequeno agricultor; e eu, que tive o privilégio de ter nascido depois deles, com os irmãos todos criados, tendo assim a possibilidade de ficar mais tempo em casa, vivendo da aposentadoria da mãe e da boa vontade dos que partiram, que investiram nos meus estudos. Das seis mulheres, apenas uma, Maria José, pôde permanecer no município. Eva e Iraci escolheram também o caminho do *Sul* nos anos setenta. Podendo contar com um capital social⁵, Aparecida migrou para Campina Grande e Maria Cristina para Recife, onde residiram na casa de parentes, e Ana Paula, a mais nova, tendo casado com um migrante nos anos noventa, também foi conhecer o Sudeste, e acabou ficando por lá.

Tudo isso contribui para fazer brotar uma série de questões sobre a migração, pois se era fato que os jovens tavarenses estavam buscando o sudeste, já não era o mesmo sudeste que nossos irmãos buscaram em décadas passadas. Porque os que partiram em outros tempos foram motivados pelos empregos urbanos “nas firmas”. Além de que, não se ia para São Paulo “passar um tempo”, muito menos um tempo determinado, antecipadamente. Não era, portanto, uma migração sazonal ou de retorno, mesmo que o sonho de voltar permanecesse no horizonte.

Perguntava-me, então: O que teria acontecido para provocar esse tipo de redefinições nas migrações internas? Seria aquele um movimento restrito ao município ou englobaria outras cidades/regiões? Qual a importância desse tipo de migração para o cotidiano de uma cidade pequena e para aquele que migra?

Dessa forma e sabendo que eu tinha, como orientadora, uma especialista no assunto, a professora Dr^a. Marilda Aparecida de Menezes, resolvi modificar minha proposta original, apesar de já ter submetido-a ao exame de qualificação. Assim, em comum acordo com minha orientadora, continuei focalizando a juventude, porém, agora delimitando a categoria de modo a abarcar apenas os jovens migrantes e salientando, dentro desse conjunto, ou jovens cortadores de cana⁶, ou ainda, *canista*, como são conhecidos no município.

⁵ Sobre o conceito de Capital Social ver Pierre Bourdieu (1998a).

⁶ A expressão cana é bastante utilizada para marcar referência ao corte de cana-de-açúcar. Assim, diz-se “foi para canas” ou “sicrano está nas canas”.

2. Juventude rural e migração: Pontos e contrapontos

A migração temporária se constitui frequentemente como o único meio disponível, para assegurar os recursos necessários à instalação dos jovens, nas proximidades de sua família.

Maria de Nazareth Baudel Wanderley.

Era o mês de dezembro de 2005 e o pequeno município de Tavares, interior paraibano, estava em festa. As famílias celebravam o retorno dos filhos prósperos, isto é, dos jovens cortadores de cana que, após oito meses de trabalho nos canaviais paulistas, estavam de volta. Durante quatro meses eles movimentam a cidade e toda região, com suas motocicletas, visuais exóticos, roupas coloridas, brincos, penteados (estranhos para os padrões locais), e especialmente com o dinheiro conseguido no corte de cana, o qual é esbanjado em práticas de consumo local. Dentre essas práticas, sobressaem-se as festas.

Suas vidas se passam entre o aqui e o lá, pois anualmente, eles migram de Tavares e de toda região para o interior de São Paulo, onde vão oferecer sua força de trabalho nos canaviais das regiões de Ribeirão Preto, Barretos e São José do Rio Preto. Terminando a colheita de cana, ainda em grupo, eles retornam para o município, onde passam, aproximadamente, quatro ou cinco meses até retornarem às lavouras canavieiras.

Cabe esclarecer que o município em foco está situado no Estado da Paraíba, na microrregião da serra de Teixeira, e conta com 13.584 habitantes (IBGE, 2000), dos quais 27% estão na faixa etária de 15 a 29 anos. Embora se tenha oficialmente que 63% dessa população morem nas áreas tidas como rurais, o município todo, dado suas peculiaridades, encaixa-se no que alguns pesquisadores consideram como municípios rurais, a exemplo de Wanderley (2002).

A maior parte de sua população tem na agricultura uma fonte primária de renda, sendo que, aos pequenos agricultores, numa relação de complementaridade, juntam-se comerciantes, funcionários públicos (auxiliares de enfermagem, garis, professores etc.), e profissionais liberais (médicos e advogados).